



Divulgação

A Semente do Fruto Sagrado

Divulgação

Vermiglio

Divulgação

Babygirl

trêla de marcos do nosso teatro (“A Casa dos Budas Ditosos”) e de nossa TV (“Os Normais”) vem sendo elogiada em todos os festivais por onde “Ainda Estou Aqui” já passou, incluindo mostras em San Sebastián, Nova York, Toronto e Marrakech. No enredo de Salles, sua personagem Eunice leva uma rotina feliz, no Rio do início dos anos 1970, com as filhas (Vera, Eliana, Nalu e Babiu) e o filho (Marcelo), até militares à paisana levarem seu companheiro, o engenheiro e ex-deputado Rubens Paiva (papel de Selton Mello), para depor, sem explicações. Nunca mais dão notícias do paradeiro dele. Dali, ela se engaja numa cruzada em prol da verdade e vai estudar Direito para brigar contra as armadas de farda.

“Minha geração chegou ao cinema após 21 anos de ditadura militar. Muitas histórias não puderam ser contadas durante esses anos de chumbo”, lembra Salles, em entrevista por e-mail ao Correio da Manhã. “Teria sido lógico abordá-las, mas o desastre do governo Collor no início dos anos 1990 nos obrigou a lidar com uma realidade imediata de um país novamente em crise. Quando a extrema direita começou a ganhar força no Brasil, ficou claro o quanto nossa memória dos anos de ditadura militar era frágil”.

Ele e Fernanda trabalharam juntos antes em “Terra Estrangeira” (1995) e “O Primeiro Dia” (1998), ambos rodados em codireção com Daniela Thomas. Produzido por Maria Carlota Bruno (“No Intenso Agora”)

e Rodrigo Teixeira (“A Vida Invisível”), “Ainda Estou Aqui”, que ganhou o prêmio de júri popular da Mostra de São Paulo, é o primeiro longa de ficção de Walter depois de um hiato de 12 anos, iniciado depois do lançamento de “Na Estrada” (“On The Road”, 2012). Nesse período, ele lançou o .doc “Jia Zhangke, um Homem de Fenyang” (2014) e rodou curtas (“Quando a Terra Treme”). Em 1999, o cineasta concorreu ao Oscar com “Central do Brasil”, mas perdeu para “A Vida É Bela”, do italiano Roberto Benigni. Fernandona foi indicada em terras hollywoodianas também, mas foi preterida em favor de Gwyneth Paltrow, em “Shakespeare Apaixonado”.

Nos demais quesitos do Globo de Ouro deste ano, a categoria Trilha Sonora tem como seu favorito o filme “Rivais”, do siciliano Luca Guadagnino, com músicas de Trent Reznor & Atticus Ross. Entre suas canções está “Pecado”, cantada pelo baiano Caetano Veloso.

Fenômeno pop na seara do body horror, “A Substância” (“The Substance”), de Coralie Fargeat, hoje em circuito e em streaming (na MUBI), conseguiu emplacar uma indicação de Melhor Atriz (de Comédia/Musical) para Demi Moore, repaginando a fama da diva dos anos 1980 e 90. Ela vive uma atriz fracassada que se submete a um experimento para rejuvenescer. Sua adversária mais forte é Mickey Madison, estrela de “Anora”, que ganhou a Palma de Ouro de Cannes ao falar das peripécias de uma stripper ao se casar com um milionário russo doidão. Entre os atores, Sebastian Stan chama a atenção por ter sido indicado tanto front cômico quanto no dramático. Concorre por “O Aprendiz” (“The Apprentice”), no papel de Donald Trump, e por “Um Homem Diferente”, que lhe valeu o Urso de Prata de Interpretação na Berlinale. Fala-se muito também de Daniel Craig, que tem um desempenho espantoso em “Queer”, do já citado Guadagnino. Outro forte concorrente é Colman Domingo, à frente de “Sing Sing”, como um presidiário que refaz a vida num projeto de teatro carcerário.

Maior fenômeno popular de 2024, com receita de US\$ 1,6 bilhão, “Divertida Mente 2”, de Kelsey Mann, vai concorrer ao Globo de Melhor Animação (contra o badalado “Flow”, da Letônia) e ao Prêmio de Conquista Cinematográfica e Biheteria. É uma categoria criada para valorizar blockbusters, que coroou o arrasa-quarteirão “Barbie” na cerimônia anterior. Seu maior adversário é a aventura baseada em HQs “Deadpool & Wolverine”, que faturou US\$ 1,3 bilhão, apoiada na fama de Ryan Reynolds e Hugh Jackman.

Onde assistir a premiação e torcer

Agendada para o domingo, no Beverly Hilton Hotel, na Califórnia, a cerimônia da Golden Globe Foundation será comandada pela comediantes Nikki Glaser e pode ser vista no Brasil pela TNT e pela plataforma Max, a partir das 22h. O evento reforça os esforços de sua organização para espantar demônios que assombraram o troféu quando este era oferecido pela Hollywood Foreign Press Association (HFPA), inaugurada em 1943.

A primeira cerimônia em que o Globo de Ouro foi concedido ocorreu há 81 anos, no estúdio 20th Century Fox, de olho nos magnatas da indústria. Seu primeiro vencedor foi “A Canção de Bernardette”, que venceu nas disputas de Melhor Filme, Direção (Henry King) e Atriz (Jennifer Jones).

O troféu, caracterizado por uma reprodução da esfera terrestre rodeada por uma película de filme cinematográfico, teve vários designers ao longo das últimas oito décadas. A versão distribuída atualmente pesa cerca de 3,5 quilos. É feita de latão, zinco e bronze, e mede 11,5 polegadas, acoplado-se a uma base retangular, vertical, de notável elegância. De 1950 até 2022, guerras internas – de egos e de condutas profissionais questionadas em parâmetros éticos – quase levou a festa de entrega dessa estatueta à extinção, sob a acusação de abusos de poder, falta de representatividade (das populações negras, asiáticas, indígenas) e sexismo.

A ameaça de cancelamento reinou sob as cabeças da HFPA até uma revitalização, em 2023, o que deu ao contingente de profissionais de mídia envolvidos em sua realização (334 jornalistas, de 85 países) a chance de recomeçar, alinhada com os pleitos mais urgentes da contemporaneidade. Daí a força de ter uma estrela do quilate de Viola como homenageada.